









# Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

José Machado Pais  
Cícero Roberto Pereira  
(coordenadores)

**ICS** Imprensa  
de Ciências  
Sociais

## Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais  
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa - Portugal  
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

[www.ics.ulisboa.pt/imprensa](http://www.ics.ulisboa.pt/imprensa)  
E-mail: [imprensa@ics.ul.pt](mailto:imprensa@ics.ul.pt)

*Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação*

Os jovens portugueses no contexto da Ibero-América /  
coord. José Machado Pais, Cícero Roberto Pereira. -  
Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2016  
ISBN 978-972-671-379-1  
CDU 316.3



*Capa e concepção gráfica:* João Segurado  
*Revisão:* Soares de Almeida  
*Impressão e acabamento:* Manuel Barbosa & Filhos, Lda.  
*Depósito legal:* 418791/16  
*1.ª edição:* Dezembro de 2016

# Índice

Os autores .....	15
Prefácio .....	19
Introdução .....	21
<i>José Machado Pais</i>	
<b>Parte I</b>	
<b>Valores, atitudes e perceções</b>	
Capítulo 1	
<b>Valores e atitudes perante temas socialmente sensíveis .....</b>	<b>33</b>
<i>Cícero Roberto Pereira</i>	
Capítulo 2	
<b>Perceções de violência social .....</b>	<b>53</b>
<i>Simone Tulumello e Cláudia Casimiro</i>	
Capítulo 3	
<b>Sexualidade e métodos contraceptivos .....</b>	<b>75</b>
<i>Sofia Aboim</i>	
<b>Parte II</b>	
<b>Confiança nas instituições democráticas e participação</b>	
Capítulo 4	
<b>A participação social e política .....</b>	<b>93</b>
<i>Pedro Moura Ferreira</i>	

Capítulo 5	
<b>Os jovens frente à democracia e às suas instituições</b> .....	109
<i>Marcelo Camerlo e Andrés Malamud</i>	
<b>Parte III</b>	
<b>Educação, trabalho e futuro</b>	
Capítulo 6	
<b>Educação e inserções profissionais</b> .....	121
<i>Vítor Sérgio Ferreira e Jussara Rowland</i>	
Capítulo 7	
<b>Uso de novas tecnologias</b> .....	141
<i>Ana Nunes de Almeida e Ana Delicado</i>	
Capítulo 8	
<b>Diagnóstico do presente, expetativas sobre o futuro</b> .....	155
<i>Sérgio Moreira</i>	
<b>Bibliografia</b> .....	173
<b>Anexos</b> .....	179
Questionário A .....	181
Questionário B .....	191

# Índice de quadros e figuras

## Quadros

1.1	Ordenação média e desvios-padrão dos problemas que os jovens consideram mais importantes .....	38
1.2	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos nas dimensões organizadoras das preocupações dos jovens ibero-americanos .....	42
1.3	Médias e desvios-padrão das atitudes dos jovens em relação a temas socialmente sensíveis.....	44
1.4	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos das dimensões das atitudes dos jovens ibero-americanos em relação a temas socialmente sensíveis.....	47
1.5	Indicadores contextuais usados como fatores explicativos nos modelos de regressão multinível.....	51
2.1	Mortalidade por homicídio voluntário em função do género (%).....	58
2.2	Correlações bivariadas entre a percepção de violência e indicadores socioeconómicos, de percepção de vitimização social e de insegurança.....	63
2.3	Percepções sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril (%).....	65
2.4	Percepções de violência urbana (%).....	68
2.5	Correlações bivariadas entre ter presenciado a ocorrência de brigas com uso de armas e indicadores socioeconómicos.....	68
2.6	Percepção de violência familiar nos últimos doze meses (%).....	70
2.7	Correlações bivariadas entre a percepção de violência doméstica e indicadores socioeconómicos .....	72
3.1	Médias e modas da idade da primeira relação sexual entre os jovens dos 15 aos 29 anos por sexo e país/grupos de países.....	78
3.2	Coefficientes de regressão estandardizados que representam a relação entre a idade da primeira relação sexual e os indicadores sociais.....	81

3.3	Coefficientes de regressão logística não estandardizados que representam a relação entre não ter relações sexuais e os indicadores sociais.....	83
3.4	Jovens que indicaram ter usado métodos contraceptivos na primeira relação sexual (%).....	85
3.5	Jovens que indicaram a razão de usar preservativo (%) .....	87
4.1	Participação organizada por sexo, escolaridade e situação perante o emprego (%) .....	99
4.2	Associativismo dos jovens segundo os países (%) .....	102
4.3	Pertença associativa dos jovens por sexo, idade, escolaridade e ocupação (%) .....	103
4.4	Razões da não participação (%) .....	105
4.5	Jovens que indicaram participação em redes sociais (%) .....	107
5.1	Coefficientes de regressão não estandardizados dos preditores da confiança na democracia e nas suas instituições .....	115
5.2	Confiança dos jovens na democracia e suas instituições .....	118
7.1	Modo principal de uso da internet por grupos de países (%).....	144
7.2	Modo principal de uso da internet em Portugal por escalões etários (%) .....	144
7.3	Modo principal de uso da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%) .....	145
7.4	Modo principal de uso da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	145
7.5	Principais usos da internet por grupos de países (%).....	147
7.6	Principais usos da internet (combinação) por grupos de países (%) .....	148
7.7	Principais usos da internet em Portugal por sexo (%) .....	148
7.8	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por sexo (%).....	148
7.9	Principais usos da internet em Portugal por escalões etários (%) .....	149
7.10	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por escalões etários (%) .....	149
7.11	Principais usos da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%) .....	150
7.12	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por nível de escolaridade completo (%) .....	150
7.13	Principais usos da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	151

7.14	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por condição perante o trabalho (%) .....	151
7.15	Principais usos da internet em Portugal por tipologia familiar (%).....	151
7.16	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por tipologia familiar (%) .....	152
8.1	Itens (percentagens/médias e desvios-padrão) das variáveis em análise.....	158
8.2	Itens das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal .....	159
8.3	Médias, desvios-padrão e número das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a amostra global .....	160
8.4	Médias e desvios-padrão das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a Espanha.....	162
8.5	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Portugal .....	165
8.6	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro noutros países.....	166
8.7	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Espanha.....	167

## Figuras

1.1	Hierarquia das principais preocupações dos jovens .....	36
1.2	Dimensões organizadoras das preocupações dos jovens .....	39
1.3	Representação das médias da concordância dos jovens com os temas-alvo de atitudes socialmente sensíveis .....	44
1.4	Dimensões organizadoras das atitudes dos jovens face a temas socialmente sensíveis.....	46
2.1	Homicídios voluntários por cada 100 000 habitantes, 2000-2012.....	57
2.2	Taxa de homicídios voluntários por sexo e faixa etária em Portugal no ano de 2010.....	58
2.3	Perceção dos problemas mais importantes que afetam os jovens (%).....	60
2.4	Médias da perceção de violência.....	61
2.5	Linhas de regressão a representar a relação entre perceção de violência e taxa de homicídios .....	64

2.6	Perceções negativas sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril por escalão etário (%).....	66
3.1	Rapazes em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.2	Raparigas em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.3	Jovens que indicaram ainda não ter relações sexuais por sexo e país/grupos de países (%).....	82
3.4	Jovens portugueses que indicaram ter feito uso do preservativo e da pílula contracetiva em cada categoria de idade da primeira relação sexual (%).....	86
3.5	Jovens que indicaram não ter usado contracetivos na primeira relação sexual (%).....	88
5.1	Valores médios da confiança na democracia por país/região.....	111
5.2	Representação da mediana e da dispersão da confiança dos jovens portugueses nas instituições democráticas.....	111
5.3	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições políticas.....	113
5.4	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições não estatais.....	113
6.1	Nível de escolaridade por país/região (%).....	123
6.2	Total de estudantes por país/região (%).....	125
6.3	Condição de estudante por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	126
6.4	Razões de abandono escolar antes de completar o ensino secundário por país/região (%).....	126
6.5	Médias da percepção sobre a escola por país/região.....	128
6.6	Perceções sobre a escola em Portugal (%).....	128
6.7	Médias das percepções sobre a escola por nível de vida subjetivo em Portugal.....	129
6.8	«Tive uma boa educação secundária» por país/região (%).....	130
6.9	«Por que considera ter tido uma boa educação secundária?» por país/região (%) (resposta múltipla).....	130
6.10	«Está a trabalhar atualmente?» por país/região (%).....	132
6.11	Jovens que não estão atualmente a trabalhar e se encontram à procura de trabalho por país/região (%).....	133

6.12	Procura de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	134
6.13	Jovens trabalhadores inscritos na segurança social por país/região (%) .....	134
6.14	Importância atribuída aos descontos da segurança social para obter uma pensão/reforma no final da vida laboral por país/região (%) .....	135
6.15	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por país/região (%) .....	136
6.16	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por condição de estudante em Portugal (%) .....	136
6.17	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por grupo etário em Portugal (%) .....	138
6.18	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%) .....	138
6.19	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por procura de trabalho em Portugal (%).....	139
7.1	Modo principal de uso da internet em Portugal (%).....	143
7.2	Principais usos da internet em Portugal (%).....	146
7.3	Principais usos da internet (combinação do uso 1 e uso 2) em Portugal (%)..	146
8.1	Representação das médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal.....	159
8.2	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro noutros países (O) comparados com Portugal (PT).....	161
8.3	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Espanha (ES) comparada com Portugal (PT).....	162



## Os autores

**Ana Delicado** é investigadora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa). Doutorada em Sociologia, trabalha principalmente na área dos estudos sociais da ciência. Tem desenvolvido investigação sobre museus e cultura científica, risco ambiental, mobilidade científica, associações científicas, energia e alterações climáticas. É vice-coordenadora do OBSERVA – Observatório de Ambiente, Território e Sociedade.

**Ana Nunes de Almeida** é socióloga e investigadora coordenadora do ICS-ULisboa, onde é também presidente do conselho científico. Coordena o programa de doutoramento interuniversitário em Sociologia, OpenSoc (Sociologia – Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas). Áreas de investigação mais recentes: família e escola, crianças e crise, crianças e novos *media*, crianças e catástrofes.

**Andrés Malamud**, doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário Europeu, Florença, é investigador auxiliar no ICS-ULisboa e professor visitante nas Universidades de Buenos Aires, Católica de Milão e Salamanca. Tem obra publicada sobre integração regional comparada, instituições de governo, política latino-americana e migrações transatlânticas.

**Cícero Roberto Pereira** é investigador auxiliar no ICS-ULisboa. Doutorou-se em Psicologia Social Experimental pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A sua investigação analisa o modo como diferentes tipos de justificações são usados pelos atores sociais para legitimar ações e políticas discriminatórias contra grupos minoritários e a função identitária dessa legitimação nas sociedades democráticas contemporâneas.

**Cláudia Casimiro**, doutorada em Ciências Sociais, na especialização de Sociologia Geral, pelo ICS-ULisboa, é, atualmente, membro integrada do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa) e professora auxiliar convidada no ISCSP-ULisboa. Os seus domínios de investigação: sociologia da família, género, tecnologias de informação e comunicação, relaciona-

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

mentos *online*, metodologias qualitativas, violências na intimidade, violência feminina e violência familiar.

**José Machado Pais** é investigador coordenador do ICS-ULisboa. Foi coordenador do Observatório Permanente da Juventude e vice-presidente do Diretório da Juventude do Conselho da Europa. Tem uma extensa obra publicada, da qual se destacam os seguintes livros: *A Prostituição e a Lisboa Boémia; Artes de Amar da Burguesia; Culturas Juvenis; Sousa Martins e Suas Memórias Sociais. Sociologia de Uma Crença Popular; Consciência Histórica e Identidade; Sociologia da Vida Quotidiana; Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro; Nos Rastos da Solidão. Deambulações Quotidianas; Lufa-Lufa Quotidiana. Ensaio sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana; Sexualidade e Afectos Juvenis; Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as Mães, os Zecas e os Sedutores de Além-Mar.*

**Jussara Rowland** é doutoranda em Sociologia no ISCTE-IUL e foi investigadora no Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa entre 2010 e 2015. Já trabalhou como investigadora em vários projetos de investigação e como consultora na área da responsabilidade social empresarial. Atualmente é bolsista de investigação no projeto CUIDAR – Culturas de Resiliência à Catástrofe entre Crianças e Jovens financiado pelo programa Horizon 2020.

**Marcelo Camerlo** é coordenador do Presidential Cabinets Project (com Cecilia Martínez-Gallardo) e atualmente responsável pelo *workshop* em política comparada e relações internacionais do doutoramento em Políticas Comparadas do ICS-ULisboa. Doutorado em Ciência Política pela Universidade de Florença, especialista em políticas sociais e licenciado em Comunicação Social pela Universidade de Buenos Aires. Foi investigador auxiliar no Centro de Estudos de Estado e Sociedade (CEDES), docente na Universidade de Buenos Aires e investigador convidado no Helen Kellogg Institute for International Studies da Universidade de Notre Dame.

**Pedro Moura Ferreira**, doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, investigador do ICS-ULisboa e membro do Instituto do Envelhecimento da mesma universidade, é atualmente responsável pelo Arquivo Português de Informação Social. Desenvolve investigação nas áreas do envelhecimento, curso de vida e género. Tem como publicações mais recentes os livros *As Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* e *Mulheres e Narrativas Identitárias: Mapas de Trânsito da Violência Conjugal*. Tem atualmente em curso dois projetos de investigação: «Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida» e «Informação sobre saúde da população

*Os autores*

portuguesa: conhecimentos e qualidade percebida das fontes de informação sobre saúde».

**Sérgio Moreira** é licenciado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e doutorado pelo ISCTE-IUL em Psicologia Social. Tem experiência em investigação fundamental na área da cognição social, em particular no estudo de ilusões de memória e da maleabilidade dos estereótipos. Tem coordenado e executado projetos de caracterização das perceções das comunidades sobre grandes alterações ambientais, promoção da comunicação de novos empreendimentos e participação pública. Atualmente é professor auxiliar convidado das disciplinas de Estatística na FPUL e, paralelamente, exerce atividade como consultor em psicologia do ambiente.

**Simone Tulumello**, doutorado em Planeamento Urbano e Regional pela Universidade de Palermo com uma tese sobre os sentimentos de medo do crime em planeamento urbano, é, desde janeiro de 2013, investigador pós-doc no ICS-ULisboa. O seu projeto principal visa questionar criticamente as políticas de segurança urbana na prática institucional de planeamento urbano. Os seus interesses abrangem: teorias e culturas de planeamento; estudos críticos sobre segurança urbana; poder e políticas de planeamento; estudos de futuros, TICs e governança territorial; tendências urbanas neoliberais; cidades do Sul da Europa; a geografia da crise. É autor de *Fear, Space and Urban Planning* (2017, Springer).

**Sofia Aboim**, doutorada em Sociologia (ISCTE-IUL, 2004), é investigadora auxiliar no ICS-ULisboa e membro do GEXcel – International Collegium for Advanced Transdisciplinary Gender Studies, sediado nas Universidades de Linköping, Karlstad e Örebro, na Suécia. Os seus interesses de investigação têm vindo crescentemente a incluir temas como género, sexualidade e cidadania. Tem publicado livros e artigos sobre estas temáticas, coordenando atualmente o projeto «TRANSRIGHTS – Gender citizenship and sexual rights in Europe: transgender lives from a transnational perspective», financiado pelo European Research Council.

**Vitor Sérgio Ferreira**, doutorado em Sociologia, na especialidade de Sociologia da Comunicação, Cultura e Educação, pelo ISCTE-IUL (2006) é investigador auxiliar no ICS-ULisboa, coordenador do grupo de investigação LIFE – Percursos de Vida, Desigualdades e Solidariedades: Práticas e Políticas do ICS-ULisboa, vice-coordenador do Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa e docente no doutoramento em Sociologia – Conhecimento

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

para Sociedades Abertas e Inclusivas (programa interuniversitário Open-Soc). Tem desenvolvido e coordenado vários projetos de investigação, nacionais e internacionais, na área das culturas juvenis e das transições para a vida adulta. Entre as várias publicações, destacam-se os livros *Jovens e Rumos* (ICS, 2011), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (ICS, 2010) e *Marcas que Demarcam. Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis* (ICS, 2008). Tem publicado em revistas internacionais de referência na área da juventude, como *Youth & Society* e *Young – Nordic Journal of Youth Research*.

Vitor Sérgio Ferreira  
Jussara Rowland

## Capítulo 6

# Educação e inserções profissionais

## Introdução

Num contexto global de prolongamento dos percursos educacionais, quer por via da dilatação da escolaridade obrigatória, quer da relativa democratização do ensino superior, a condição juvenil vê-se cada vez mais concomitante à condição de aluno (Vieira, Ferreira e Rowland 2014). A escola, por sua vez, vem ocupar uma posição cada vez mais central na vida dos jovens enquanto instituição socializadora (Almeida e Vieira 2006).

No entanto, simultaneamente, a escola tem sido também alvo de críticas e descrenças sociais. A relação virtuosa que existia entre tipo e grau de qualificação, profissão, remuneração e estatuto social já não é um dado adquirido (Alves, 2008). O diploma de ensino superior já não garante o acesso e progressão em determinada carreira, nem sequer um emprego que corresponda à qualificação obtida (Cardoso *et al.* 2014).

Perante o cenário de flexibilização e volatilidade dos mercados de trabalho e de precarização da relação salarial, onde o valor de empregabilidade dos diplomas concedidos pela escolaridade formal diminui, bem como as condições de trabalho que eles proporcionam – cada vez mais flexíveis, precárias, inseguras –, as condições que favoreceriam a procura otimista da educação formal e dos itinerários que esta oferece têm-se visto fragilizadas. Os jovens são hoje compelidos a lidar com a insegurança e a polivalência que crescentemente pontuam as suas transições da escola para o mundo do trabalho (Pais 2001 e 2012a; Alves *et al.* 2011).

Esse processo de mudança social toma, contudo, velocidades e formas diferenciadas, dependendo das condições estruturais de cada país, no que se refere às oportunidades de educação e de trabalho que oferecem (ou não) às suas gerações mais jovens. Em cada país depende ainda das condições sociais e económicas inerentes aos diferentes contextos de socialização dos jovens inquiridos, bem como das suas características sociodemográficas.

### *Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

Nesta perspetiva, o objetivo deste capítulo será o de analisar o conjunto de indicadores relacionados com a vivência escolar e a inserção no mercado de trabalho incluídos no *1.º Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas*, procurando identificar continuidades e contrastes intra e internacionais entre os jovens inquiridos.

Em termos de comparação internacional, escolheu-se neste capítulo comparar os jovens portugueses por contraste com os jovens espanhóis (considerando o interesse teórico específico em averiguar se a proximidade geográfica e de condições de crise económica destes dois países gera, ou não, respostas e perceções diferenciadas por parte das suas juventudes), com os jovens da América Central (que inclui a Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana) e México e com os jovens da América do Sul (que engloba a Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela).

Que condicionantes estão na base da continuidade ou não dos estudos pós-secundários das populações jovens neste conjunto de países e regiões? Que atitudes desenvolvem face à escola, nas suas várias dimensões (funcionamento, pedagogia, aprendizagens, ambiente social, valência de empregabilidade)? Que valor os jovens ibero-americanos dão à educação no processo de inserção no mercado de trabalho, comparado com outros fatores, como o capital social e os próprios constrangimentos estruturais relativos às oportunidades dadas nesse mercado? Considerando a instabilidade laboral em que estão envolvidos, que valor dão ao sistema de segurança social, enquanto instrumento de garantia num futuro longínquo?

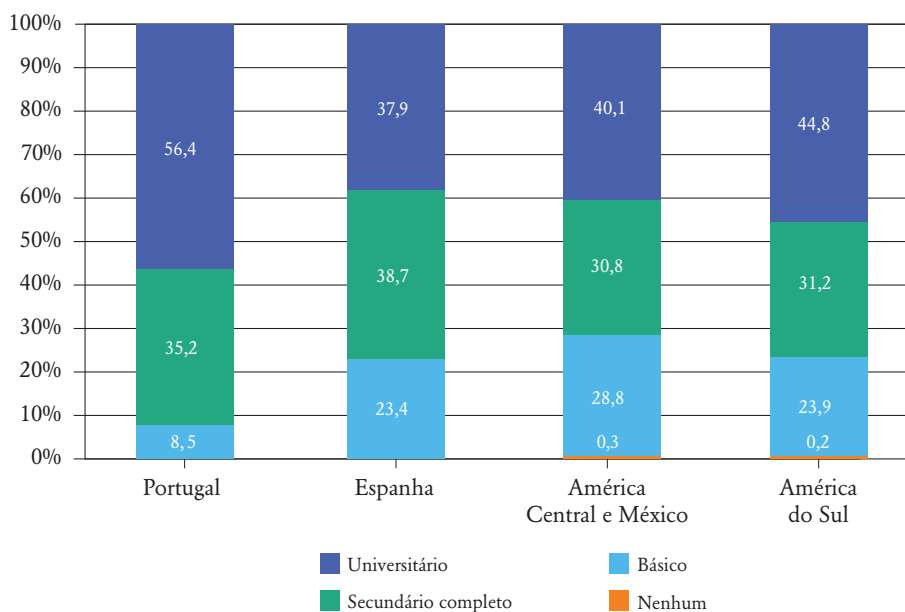
Antes de passar à análise dos indicadores de natureza mais atitudinal e subjetiva é relevante considerar a especificidade da estrutura de qualificações da amostra portuguesa representada neste inquérito, bem como a respetiva sociodemografia. Isto na medida em que a particularidade dessa estrutura, bastante diferenciada quer das estruturas características das amostras dos restantes países e regiões, quer da própria composição do universo juvenil português conhecida através de estatísticas oficiais do Instituto Nacional de Estatística, não deixará de ter efeitos na particularidade dos resultados dos jovens portugueses nas atitudes que demonstram face à escola e à inserção no mercado de trabalho.

## **Educação**

### **Estrutura de qualificações**

O nível de escolaridade dos inquiridos indicia diferenças significativas na estrutura de qualificações entre os países/regiões integrados na amostra (figura

Figura 6.1 – Nível de escolaridade por país/região (%)



6.1).<sup>1</sup> A principal diferença prende-se com a proporção de estudantes a frequentar ou tendo completado o ensino universitário, notoriamente sobre-representados na amostra de jovens portugueses (correspondem a 56,5% do total).<sup>2</sup>

Essa sobre-representação é sentida quer relativamente à Espanha (37,9%) e aos países da América Central (40,1%) e da América do Sul (44,8%), quer relativamente aos dados oficiais em Portugal (onde a proporção de jovens entre os 15 e os 29 anos que atingiram o ensino superior – completo, incompleto e/ou ainda a frequentar – em 2011, data do último recenseamento nacional, é de 28,4%).

Em paralelo, a amostra portuguesa aparece sub-representada na proporção de jovens com qualificações até ao ensino básico, completo ou incompleto (8,5%), quer em relação aos restantes países/regiões (Espanha, 23,4%, América

<sup>1</sup> As respostas à questão «que nível educativo tens?» foram recodificadas da seguinte forma: o ensino básico inclui os jovens que concluíram ou não o ensino básico e os que não completaram o ensino secundário; o ensino secundário inclui apenas os jovens que declararam tê-lo completo; o ensino universitário inclui os jovens que declaram frequentar ou ter concluído o ensino universitário. Os jovens que assinalaram o ensino técnico (completo ou incompleto) no questionário foram excluídos desta questão ( $n = 1721$ ) devido à ambiguidade de que esta designação se reveste em Portugal, podendo corresponder, de facto, a vários níveis de ensino.

<sup>2</sup> É possível que o valor total de estudantes a frequentar o ensino universitário seja mais elevado para toda a amostra, uma vez que uma percentagem considerável de estudantes que assinalaram a opção «ensino secundário completo» declarou estar ainda a estudar, como veremos mais adiante.

### *Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

Central, 28,8%, e América do Sul, 23,9%), quer em relação aos dados censitários de 2011, onde a proporção de jovens com essas qualificações era de 28,4%.

Em termos etários, os jovens portugueses com qualificações ao nível do ensino básico encontram-se distribuídos equitativamente por todos os escalões etários. Já os jovens que frequentam ou completaram o ensino superior encontram-se maioritariamente entre os escalões etários mais velhos, representando 61,4% entre os jovens com idades compreendidas entre 20 e 24 anos e 68,6% entre os jovens do grupo etário 25-29 anos.

Do ponto de vista do género, a tendência portuguesa de feminização do ensino superior reflete-se na amostra: as jovens portuguesas inquiridas tendem a ter qualificações superiores aos jovens do sexo masculino, com 62,6% daquelas a terem acedido à universidade e apenas 29,7% a terem-se ficado pelo ensino secundário; entre os jovens do sexo masculino, as qualificações estão distribuídas mais equitativamente, com 41% destes a deterem o ensino secundário e 49,7% estudos universitários.

### **A continuidade dos estudos**

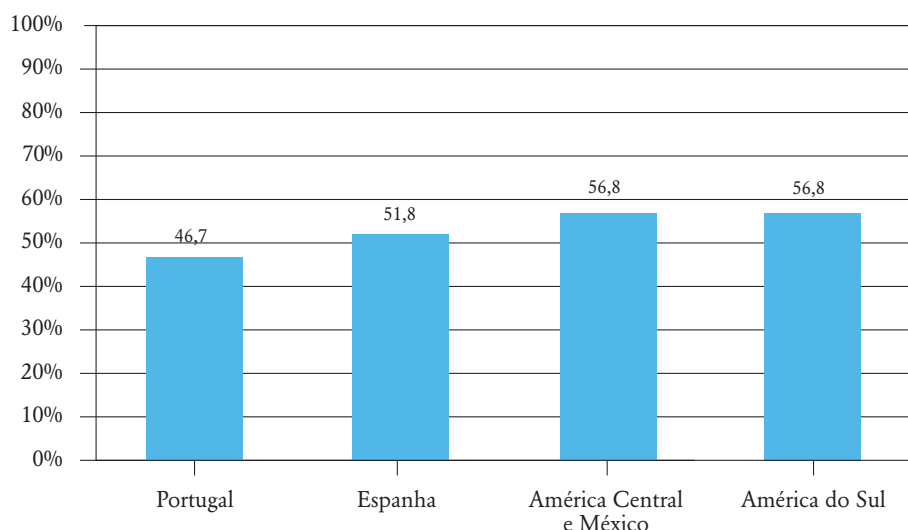
Os portugueses são, no conjunto dos países e regiões em análise, os que apresentam a menor proporção de jovens atualmente a estudar (46,7%) (figura 6.2). Considerando a estrutura de qualificações da amostra, 40,3% dos jovens portugueses que afirmam estar atualmente a estudar dizem ter o ensino secundário completo (antevendo-se que estejam, portanto, a frequentar o ensino superior),<sup>3</sup> 33,8% o ensino universitário incompleto (presumindo-se que estejam a frequentá-lo) e 20,2% o ensino universitário completo (podendo supor-se que estão a fazer pós-graduações).

A condição de estudante é ainda caracterizada por uma estrutura etária mais nova (60,7% têm entre 15 e 19 anos e 30,3% entre 20 e 24 anos), maioritariamente a viver na dependência da família de orientação (62,8%). Acresce o facto de a condição de estudante entre os jovens portugueses ser maioritariamente exercida como ocupação principal, sendo apenas de 20,3% a proporção dos jovens que afirmam atualmente estar a estudar, mas não indicando a condição de estudante como sua ocupação principal.

Entre os jovens portugueses que afirmam atualmente já não frequentar o ensino, 39,2% deixaram-no completando o ensino superior, 19,5% deixaram este grau de ensino incompleto, 33,3% com o ensino secundário completo, sendo apenas 6,8% os que o deixaram com o ensino secundário incompleto e 1,2%

<sup>3</sup> O que vem fazer crescer a sobre-representação de jovens a frequentar o ensino superior dentro da estrutura de qualificações da amostra portuguesa.

Figura 6.2 – Total de estudantes por país/região (%)



apenas com o ensino básico. São sobretudo jovens adultos (55,8% têm entre 25 e 29 anos e 35,6% entre 20 e 24 anos), sendo, no entanto, ainda elevada a proporção dos que vivem no contexto da família de orientação (51,1%, sendo de 31,5% a percentagem dos que já estabeleceram uma família de procriação).

A faixa etária intermédia (20-24 anos) respeita à idade modal onde sucede a transição da escola para o trabalho: 42,8% dos jovens desta faixa etária ainda se encontram a estudar, sendo de 57,2% a proporção dos que já abandonaram o ensino.

Na sequência da transição da escola para o trabalho vêm outras formas de transição para a idade adulta, nomeadamente a autonomização dos jovens face à família de origem e a constituição de uma família de procriação. Com efeito, são apenas 20,6% os jovens portugueses que, já tendo uma família de procriação, ainda estudam, tendo a sua maioria já abandonado a escola (79,4%).

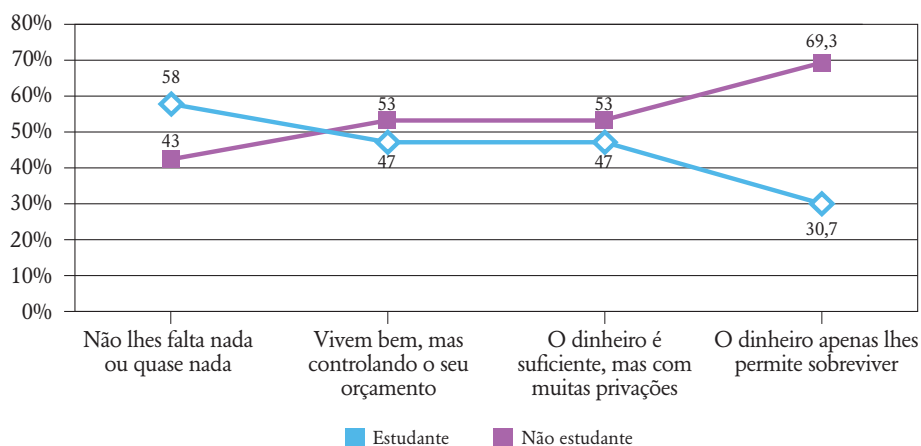
Considerando o nível socioeconómico da família autoidentificado pelos jovens (figura 6.3), pode constatar-se que esta variável tem efeitos significativos sobre a decisão de continuar ou não a estudar. De facto, encontramos uma proporção substancialmente mais elevada de estudantes entre os inquiridos com melhores condições económicas (58%), por comparação com os estudantes oriundos de famílias cujo dinheiro «é apenas suficiente para sobreviver» (30,7%).

Do mesmo modo, perante as razões invocadas para o abandono escolar por parte dos jovens inquiridos que não completaram o ensino secundário,<sup>4</sup> é no-

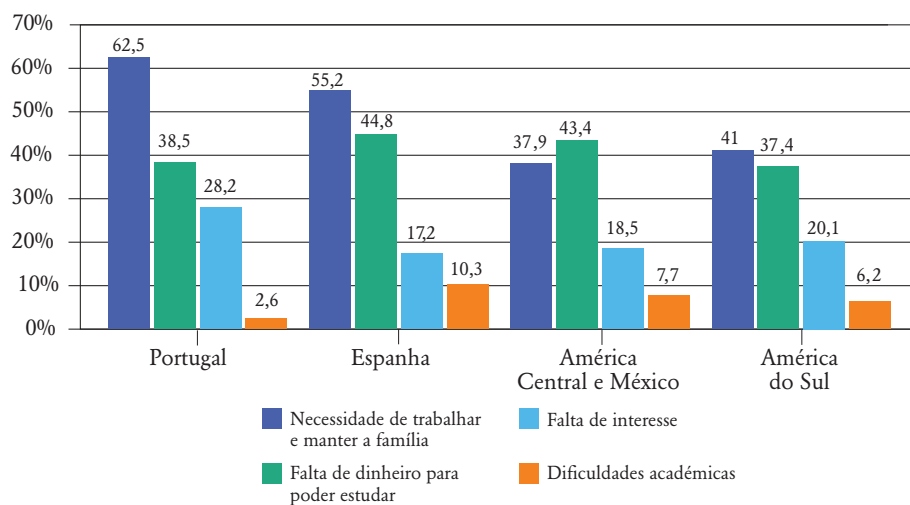
<sup>4</sup> Esta questão foi filtrada para jovens inquiridos que declararam ter «nenhum nível de escolaridade», «ensino básico incompleto», «ensino básico» e «ensino secundário incompleto».

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

**Figura 6.3 – Condição de estudante por nível de vida subjetivo em Portugal (%)**



**Figura 6.4 – Razões de abandono escolar antes de completar o ensino secundário por país/região (%)**



tório que as principais estão relacionadas com as condições socioeconómicas das famílias, nomeadamente a «necessidade de trabalhar para poder manter a família» e a «falta de dinheiro para poder estudar», deixando para trás razões de ordem mais subjetiva na relação dos jovens com a escola (figura 6.4).

A necessidade de trabalhar para manter a família é apontada como uma das principais razões para o abandono escolar em todos os países/regiões, sendo que ganha destaque entre os jovens portugueses (62,5%) e espanhóis (55,2%). No caso dos jovens das regiões da América Central e México e da América do Sul, essa razão ganha alguma paridade com «a falta de dinheiro para estudar»,

destacando-se relativamente à «falta de interesse em relação à escola» e às «dificuldades académicas».

### Perceções sobre a escola

Solicitou-se junto dos jovens ibero-americanos que expressassem o seu grau de concordância com alguns indicadores de perceção sobre diversas dimensões da vivência escolar (funcionamento, professores, utilidade do conhecimento na vida e no trabalho, violência) (figura 6.5), seguindo uma escala de 1 a 5 (1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente). Perante esta questão, verifica-se que todos os indicadores apresentam graus de concordância abaixo do ponto médio (3), o que indicia um certo grau de discordância perante o conteúdo crítico evidenciado por cada indicador.

Ainda assim, é de notar que, no caso de Portugal, os jovens inquiridos têm, em média, uma posição mais crítica do que a dos jovens dos outros países/regiões em análise relativamente à capacidade dos professores em ensinar e motivar os seus alunos para o estudo (2,71), bem como em relação à violência nas escolas (2,69). Por sua vez, a perceção dos jovens portugueses surge menos crítica do que a dos restantes jovens ibero-americanos em relação ao modo de funcionamento da escola (2,3), bem como à utilidade quotidiana das aprendizagens que proporciona (2,29).

Analisando a particularidade das respostas da amostra portuguesa, 24,2% e 22,7% dos jovens portugueses, respetivamente, declararam «concordar» ou «concordar totalmente» com as afirmações «o ambiente escolar é violento» e «os professores não sabem ensinar e motivar». Ainda assim, a proporção dos que declararam «discordar» ou «discordar totalmente» destas afirmações foi de 46% e 42,6%, respetivamente, valor bastante superior (figura 6.6).

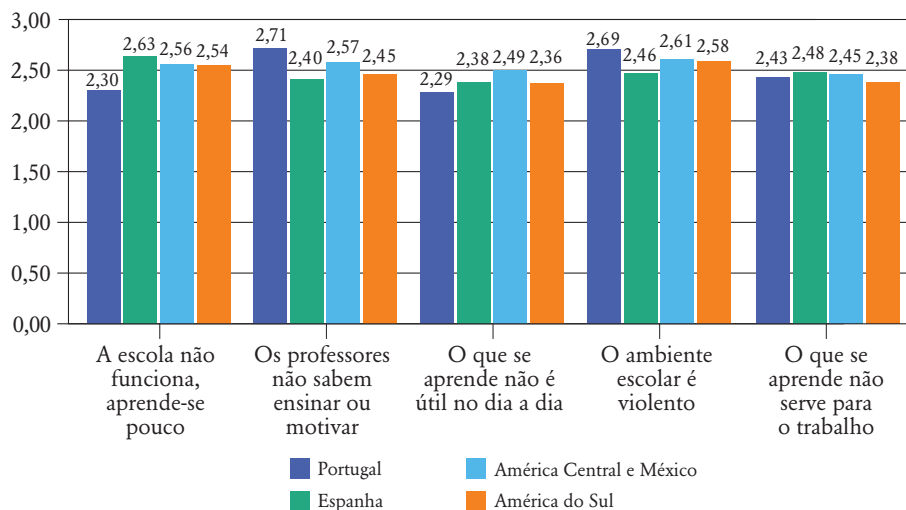
De forma similar, nas questões onde os jovens portugueses se mostraram menos críticos («a escola não funciona, aprende-se pouco» e «o que se aprende nas escolas não é útil no dia a dia»), a proporção de respondentes que declararam «discordar totalmente» ou «discordar» destas afirmações situou-se perto dos 60%, contra cerca de 16% dos respondentes que assinalaram «concordar» ou «concordar totalmente» com o conteúdo crítico das frases apresentadas.

A partir das respostas a esta questão foi possível construir uma escala, denominada «escala de perceção sobre a escola»,<sup>5</sup> com a qual foi possível medir o grau de perceção mais ou menos crítico sobre a escola em geral.

<sup>5</sup> A análise fatorial, utilizando o método PAF (*principal axis factoring*) para a amostra global e o critério do autovalor, identificou um fator com bons níveis de variância explicada (52%) e de consistência interna ( $\alpha = 0,68$ ). A escala foi criada utilizando a média aritmética dos cinco itens.

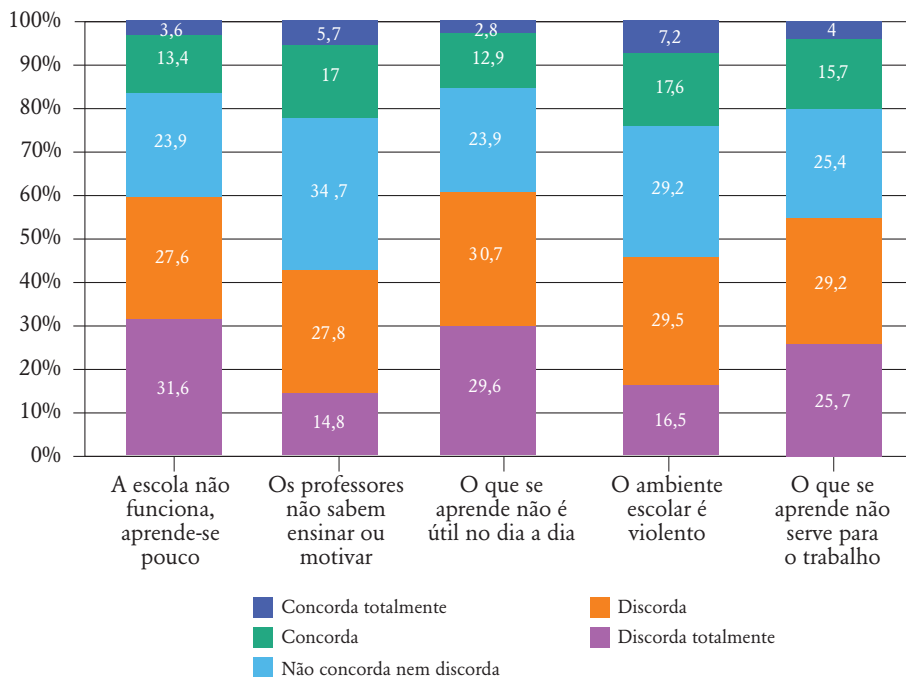
*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

**Figura 6.5 – Médias da percepção sobre a escola por país/região**

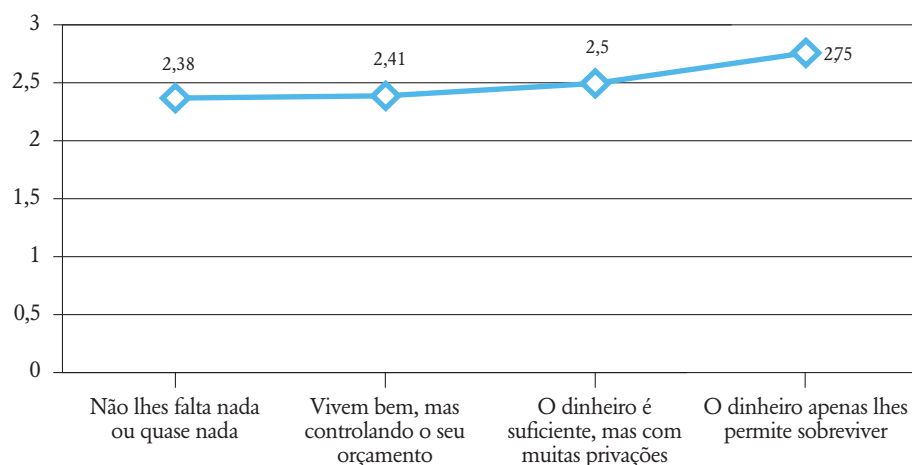


*Nota.* Média de concordância dos respondentes com diferentes frases sobre a escola seguindo uma escala de 1 a 5 (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente).

**Figura 6.6 – Percepções sobre a escola em Portugal (%)**



**Figura 6.7 – Médias das perceções sobre a escola por nível de vida subjetivo em Portugal (*M*)**



*Nota.* Média de perceção sobre a escola seguindo uma escala de 1 a 5 (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente).

Cruzando essa escala com algumas variáveis de caracterização, verifica-se que, em Portugal, os respondentes mais jovens (15-19 anos) tendem a ser menos críticos em relação à escola (2,33) do que os jovens nos escalões etários superiores (2,54 de média para os jovens entre os 20 e os 24 anos e 2,55 para os jovens dos 24 aos 29 anos). O que leva a pressupor que a atitude crítica perante a escola tende a aumentar à medida que vai havendo menor contacto direto com essa instituição.

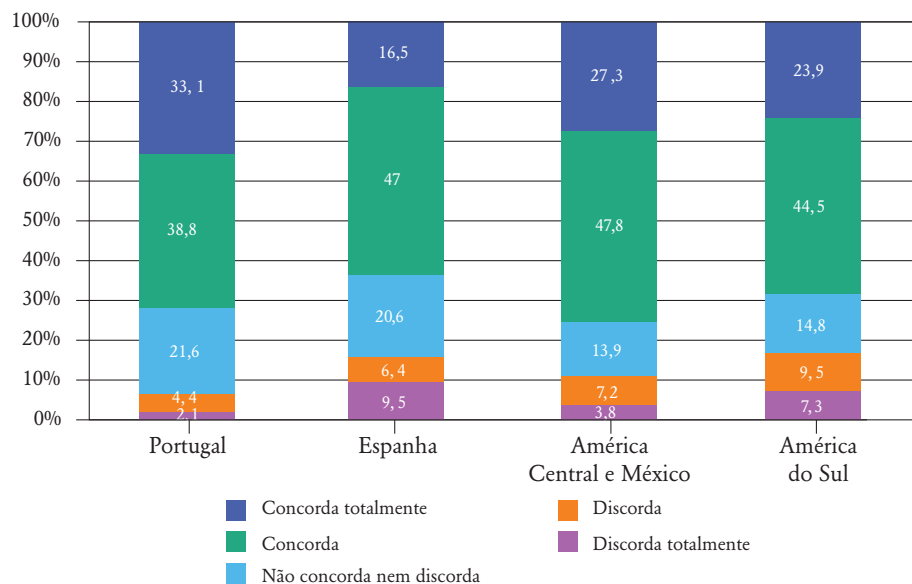
De facto, se cruzarmos a escala da perceção sobre a escola com a condição de estudante do respondente, verifica-se que quem se encontra atualmente a estudar tem uma perceção muito menos crítica da escola (2,33) do que quem já abandonou os estudos (2,60).

Outro fator importante na perceção mais ou menos crítica sobre a escola é o nível de vida subjetivo. Ao cruzar estas duas variáveis (figura 6.7), verifica-se que os respondentes com maiores dificuldades económicas são, em média, muito mais críticos em relação à escola, sendo que as perceções sobre o universo escolar tendem a tornar-se tanto menos críticas quanto mais elevado é o nível de vida do respondente.

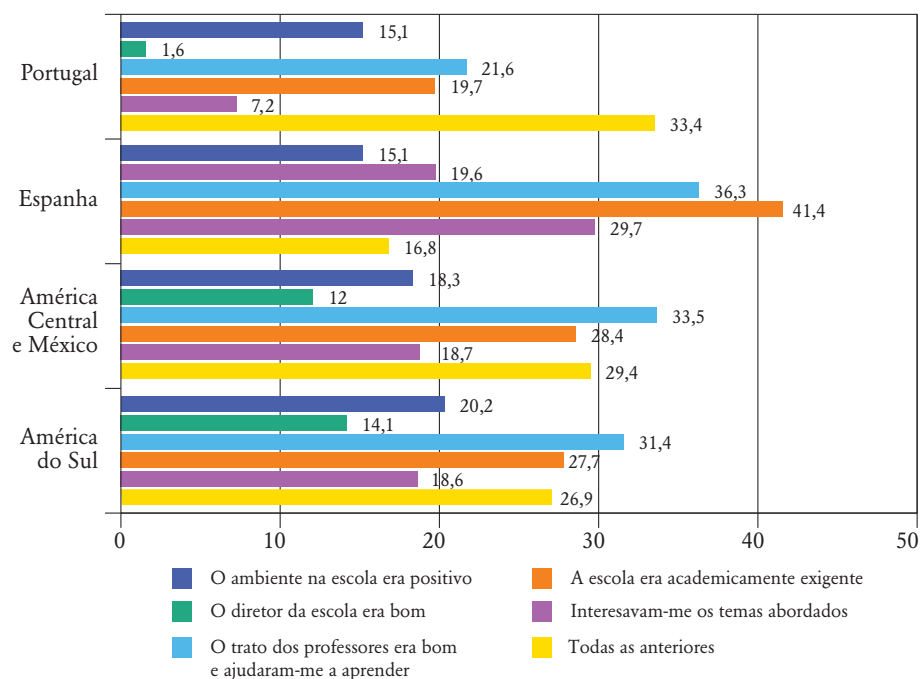
Em todo o caso, os jovens portugueses mostram-se, em geral, satisfeitos com a qualidade da educação que tiveram. Quando questionados sobre se consideram ter tido uma boa educação secundária (figura 6.8), apenas 6,5% dos respondentes portugueses declaram «discordar totalmente» ou «discordar» dessa afirmação. Aliás, a percentagem de jovens portugueses que «concordam total-

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

**Figura 6.8 – «Tive uma boa educação secundária» por país/região (%)**



**Figura 6.9 – «Por que considera ter tido uma boa educação secundária?» por país/região (%) (resposta múltipla)**



mente» com o facto de terem tido «uma boa educação secundária» (33,1%) destaca-se comparativamente com a Espanha (16,5%) ou a região da América Central e México (27,3%) e da América do Sul (23,9%).

Já em Espanha e nos países da América do Sul os jovens inquiridos revelam-se relativamente mais insatisfeitos com a educação obtida nesse nível de ensino, considerando as proporções relativas de jovens que «discordaram» ou «discordaram totalmente» perante a afirmação «tive uma boa educação secundária» (15,9% e 16,8%, respetivamente).

Aos inquiridos que declararam «concordar» ou «concordar totalmente» com o facto de terem tido uma boa educação secundária foi colocada a questão sobre os motivos pelos quais consideravam ter tido essa boa educação (figura 6.9). De uma forma geral, os jovens portugueses consideram que os motivos são múltiplos, uma vez que a opção mais assinalada, com 33,4%, considerava válidos todos os motivos propostos. De entre as restantes opções de resposta, os jovens portugueses destacaram ainda o papel dos professores e a sua relação com os alunos (21,6%), bem como o nível de exigência da escola (19,7%).

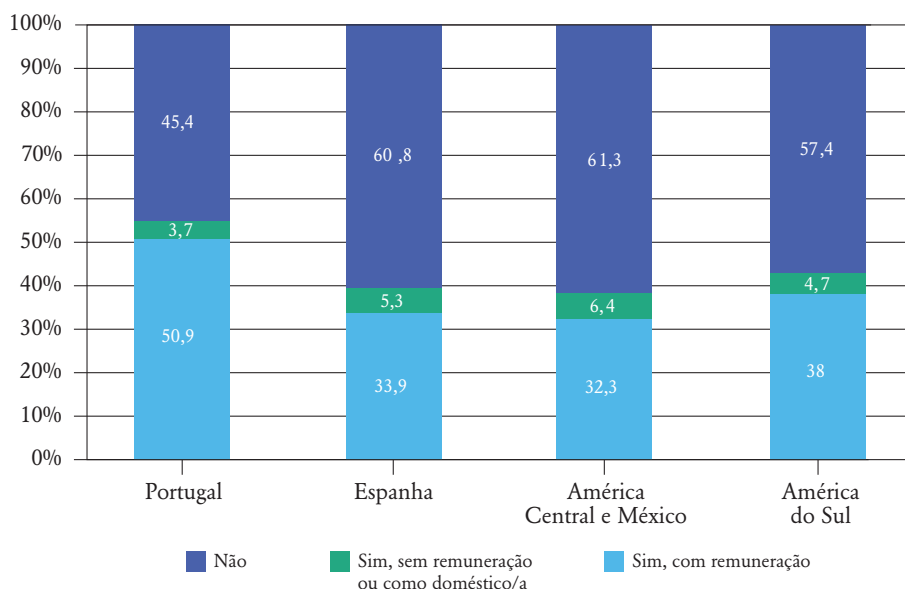
De notar que a opção «o diretor da escola era bom» foi praticamente ignorada pelos jovens portugueses (1,6%), nomeadamente por comparação com o papel que este assume para os jovens espanhóis (19,6%). Tal sucede, muito provavelmente, devido ao facto de essa figura, no sistema educativo português, não estar muito presente na vida quotidiana dos jovens estudantes. Trata-se de uma figura mais de contacto com os professores e responsável pelas relações interinstitucionais da escola, ao contrário do que acontece com o «diretor de turma», esse sim bastante presente nos quotidianos estudantis.

## **Inserções e perceções sobre o mercado de trabalho**

### **Condição perante o trabalho**

A composição da amostra portuguesa manifesta a existência de uma proporção substancialmente mais elevada de jovens portugueses a trabalhar com remuneração (50,9%), por comparação com os restantes países/regiões analisados (figura 6.10). São sobretudo jovens adultos (52,4% entre 25 e 29 anos e 35,4% entre 20 e 24 anos), mais homens (57,3%) do que mulheres (42,7%), trabalhadores no setor privado (71%), havendo ainda uma razoável proporção de jovens trabalhadores (com ou sem remuneração) que afirmam ter como principal ocupação a de estudante (13,6%).<sup>6</sup>

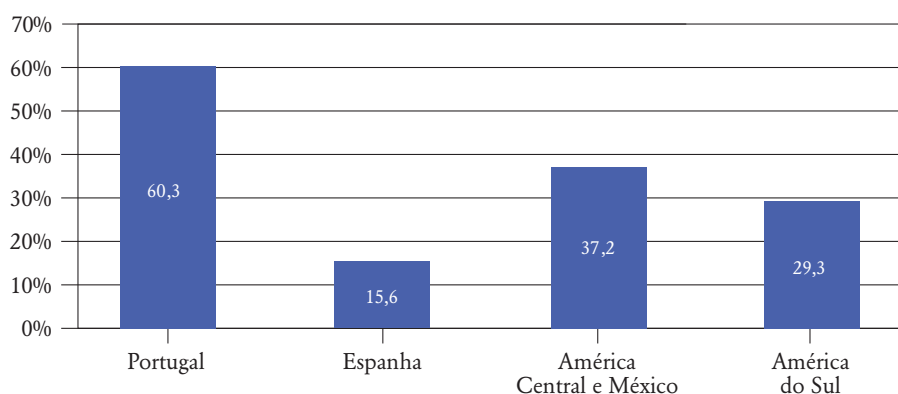
<sup>6</sup> A proporção de jovens que dizem estar a trabalhar atualmente, tendo como principal ocupação a de estudante, é substancialmente mais baixa em Espanha (5,8%), atingindo valores mais altos na América Central e México (16,1%) e na América do Sul (17,5%).

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América***Figura 6.10 – «Está a trabalhar atualmente?» por país/região (%)**

Os jovens portugueses que não se encontravam a trabalhar no momento de aplicação do inquérito são sobretudo estudantes (63,6%), havendo ainda uma larga proporção de desempregados (34,2%). Nos restantes países e regiões em análise, o peso dos desempregados neste perfil é substancialmente menor do que em Portugal, estando a sua grande maioria na condição de estudante: em Espanha, 67,9% são estudantes e 8,7% desempregados; na região da América Central e México, 70% são estudantes e 12,1% desempregados; na América do Sul, 73,4% são estudantes e 11,8% desempregados.

A percentagem total de inquiridos que, não estando a trabalhar (com ou sem remuneração), se encontravam à procura de emprego no momento de aplicação do inquérito é muito variável, consoante o país/região analisado (figura 6.11). Comparativamente, provavelmente devido aos efeitos da crise económica na compressão da estrutura laboral, Portugal apresenta a proporção mais elevada de jovens que, não trabalhando no momento da inquirição, se encontravam à procura de trabalho (60,3%), valor substancialmente mais elevado do que em Espanha (15,6%), bem como na média dos países das regiões da América Central e México (37,2%) e da América do Sul (29,2%). A justificar estes valores tão discrepantes, começa por estar o facto de, como se viu atrás, a composição deste perfil juvenil em Portugal integrar uma representação proporcional de desempregados muito mais acentuada do que a encontrada para os restantes países e regiões em análise.

**Figura 6.11 – Jovens que não estão atualmente a trabalhar e se encontram à procura de trabalho por país/região (%)**



Considerando os acentuados efeitos negativos da crise económica nos países da Europa do Sul ao nível do desemprego juvenil, ao resultado do caso espanhol acresce a hipótese de estarmos perante um fenómeno de desistência na procura de trabalho por parte destes jovens – nomeadamente dos que estão na condição de desempregados (27,5%). Com efeito, metade dos jovens espanhóis na condição de desempregados declara não estar à procura de trabalho.

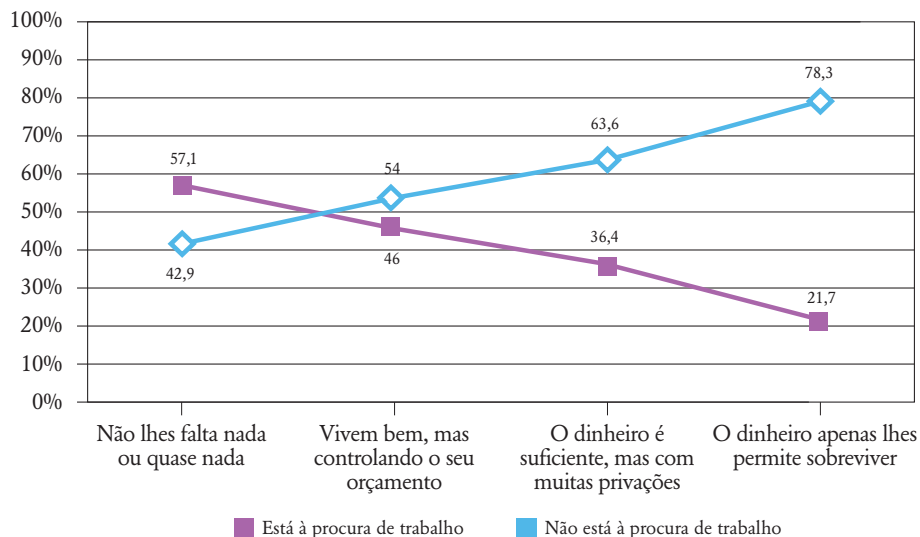
Já no caso dos jovens portugueses que, não tendo nenhum trabalho remunerado ou não remunerado, se encontravam a procurar trabalho no momento da inquirição 55,6% encontram-se de facto desempregados e 41,7% têm como principal condição a de estudante.<sup>7</sup> São ainda sobretudo jovens na idade modal de transição da escola para o emprego (20-24 anos, 43,5%) ou mais novos (15-19, 33,3%) e maioritariamente mulheres (57,4%). Trata-se ainda de um perfil que vai ganhando franca expressão à medida que as condições socioeconómicas são mais desfavorecidas, o que demonstra como as condições económicas da família dos jovens condicionam a necessidade que sentem em procurar trabalho (figura 6.12).

Quando os jovens trabalhadores inquiridos são questionados sobre se estão inscritos na segurança social dos vários países/regiões em análise (figura 6.13), os portugueses destacam-se com o valor mais elevado dos que respondem afirmativamente (83,4%), seguidos dos jovens espanhóis (72%), da América do Sul (63,8%) e da América Central e México (56,8), regiões onde o peso do trabalho informal será provavelmente maior.

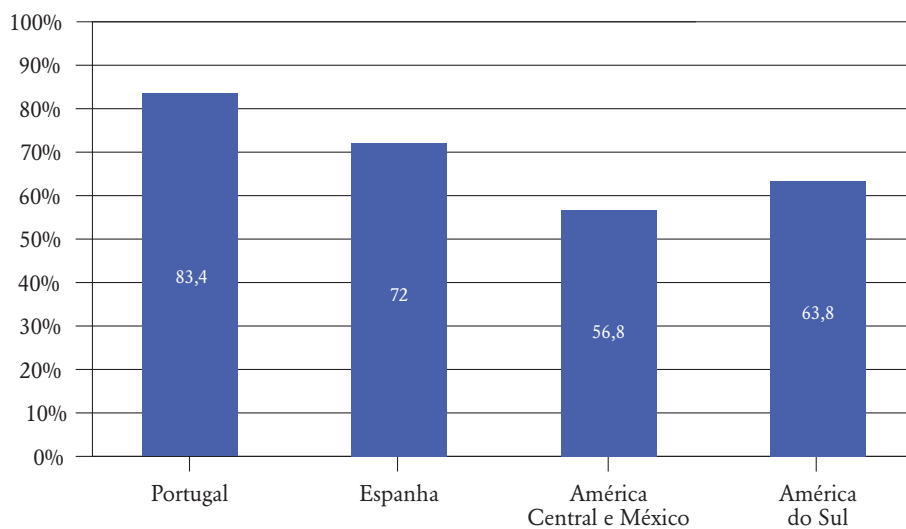
<sup>7</sup> Dentro deste mesmo perfil, na América Central e México 56% são estudantes e 25,2% são desempregados e na América do Sul 55,7% são estudantes e 30,4% são desempregados.

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

**Figura 6.12 – Procura de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%)**

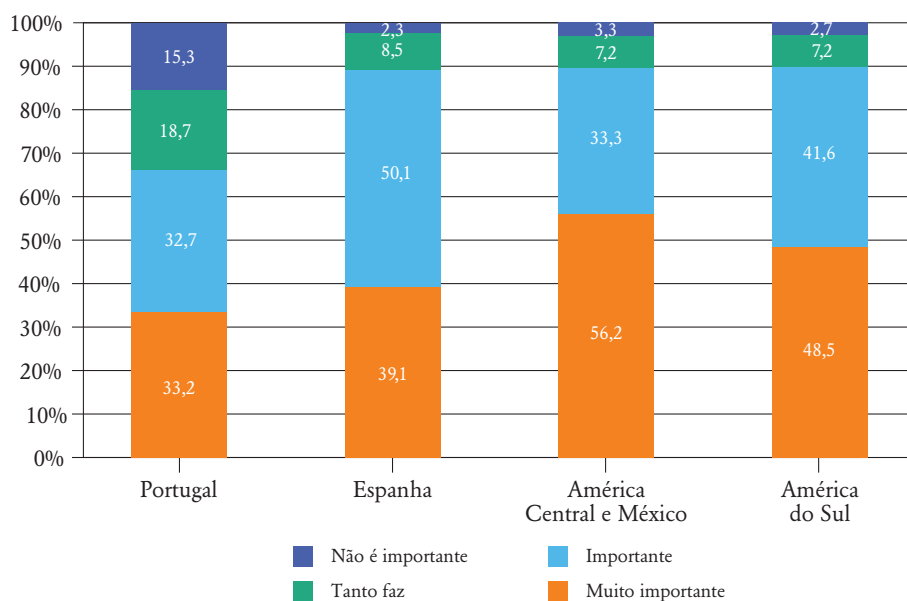


**Figura 6.13 – Jovens trabalhadores inscritos na segurança social por país/região (%)**



Não obstante os jovens trabalhadores portugueses serem os que mais declaram fazer descontos para a segurança social, quando questionados sobre a importância que atribuem a esses mesmos descontos para obter uma pensão/reforma no final da vida laboral (figura 6.14), são também os que mais tendem a desvalorizar esse facto de entre o conjunto de países/regiões analisados: cerca

**Figura 6.14 – Importância atribuída aos descontos da segurança social para obter uma pensão/reforma no final da vida laboral por país/região (%)**



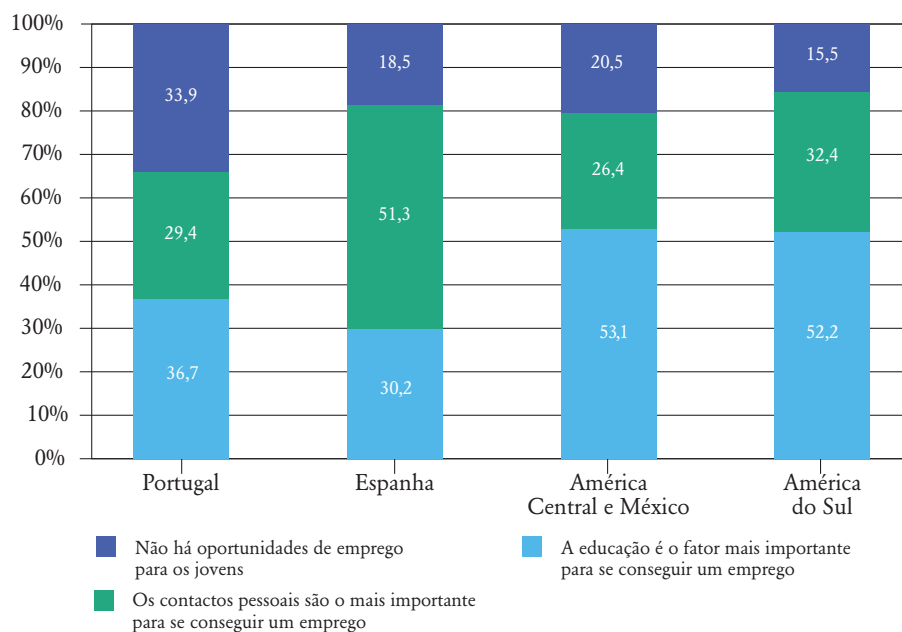
de 35% afirmam que isso «não é importante», ou que «tanto faz» descontar ou não para a obtenção de uma pensão no final da vida profissional, quando nos restantes países/regiões essa atitude de descrença se situa em torno dos 10%. Estes resultados em Portugal poderão estar associados aos problemas de sustentabilidade financeira do Estado social que têm ganho visibilidade na esfera pública portuguesa, descredibilizando a esperança de os descontos realizados no presente se virem a traduzir numa efetiva futura reforma. Mesmo assim, a maioria dos jovens portugueses (65,9%) considera importante ou muito importante descontar para a segurança social.

### Perceções sobre as condicionantes de inserção no mercado de trabalho

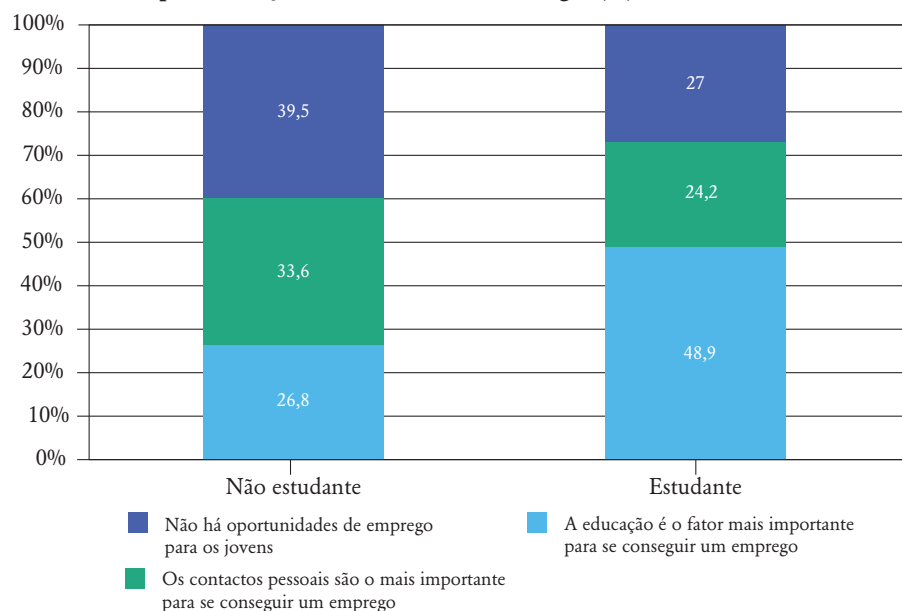
No contexto de compressão do mercado de trabalho e de dificuldades acrescidas de inserção profissional por parte dos jovens, interessa saber quais as condicionantes percecionadas pelos jovens como mais ou menos facilitadoras da sua inserção laboral. Quando questionados sobre condicionantes de ordem educativa, de capital social ou de natureza mais estrutural relacionadas com a falta de boas oportunidades de emprego, a maioria dos inquiridos ibero-americanos tendeu a enfatizar o valor da educação como fator mais importante para

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

**Figura 6.15 – Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por país/região (%)**



**Figura 6.16 – Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por condição de estudante em Portugal (%)**



se conseguir emprego (50,8%). Os contactos pessoais enquanto fator mais importante para se conseguir um emprego foram escolhidos por cerca de um terço da população jovem (30,8%). O peso dos fatores propriamente estruturais na dificuldade de inserção profissional é a opção mais desvalorizada, apenas escolhida por 18,4% dos jovens.

O peso dos fatores estruturais, no entanto, ganha proeminência entre os jovens portugueses, por comparação com os restantes países/regiões analisados, destacando-se com cerca de 34% a indicarem não haver boas oportunidades de emprego para os jovens (figura 6.15). Ainda que em condições estruturais de semelhante dificuldade de inserção laboral, os jovens espanhóis tendem a valorizar mais o valor das relações sociais para obter um emprego (51,3%) relativamente à educação e às oportunidades efetivas de trabalho. Já entre os jovens das regiões da América Central e México e da América do Sul destaca-se o valor dado à educação no processo de inserção profissional.

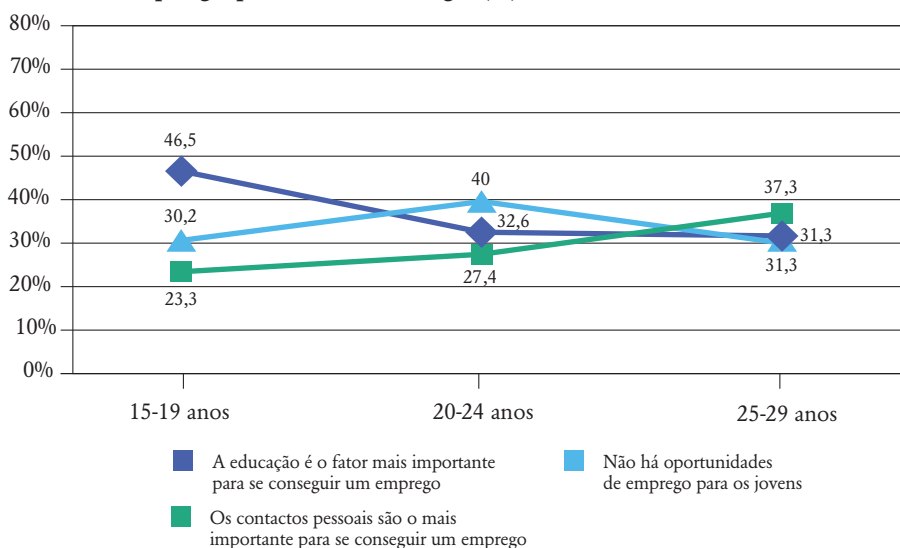
No caso português, ao ventilarmos as opiniões sobre o acesso dos jovens ao mercado de trabalho pela condição de estudante (figura 6.16), verificámos que os jovens que ainda estudam tendem a acreditar mais no valor da educação como fator importante para conseguir um emprego (48,9%), enquanto os jovens que já não estudam (e que provavelmente já se confrontaram com as dificuldades inerentes à sua inserção laboral) tendem a destacar a falta de «boas oportunidades no mercado de trabalho» (39,5%).

Por outro lado, quando se cruzam as perceções sobre as condicionantes de acesso dos jovens ao mercado de trabalho com o grupo etário (figura 6.17), verifica-se que a educação tende a ser valorizada sobretudo pelos mais novos, enquanto o capital de relações tende a ganhar peso à medida que a idade do respondente aumenta. Os constrangimentos estruturais em termos de oportunidades de emprego para os jovens tendem a ser maioritariamente selecionados por jovens no escalão dos 20 aos 24 anos, justamente a idade modal onde muitos jovens se confrontam pela primeira vez com a cada vez mais difícil realidade de encontrar o primeiro emprego. Se tivermos em conta o nível de vida subjetivo do entrevistado, constata-se ainda que são os jovens portugueses com mais dificuldades económicas que tendem a mais valorizar a opção «não há boas oportunidades de emprego para os jovens» (52,3%), valor que vai decrescendo substancialmente à medida que diminuem as dificuldades económicas da família em que se inserem (figura 6.18). No sentido contrário, são os jovens com melhores condições de vida que mais tendem a acreditar na relevância da educação como fator importante para se conseguir emprego (44,7%).

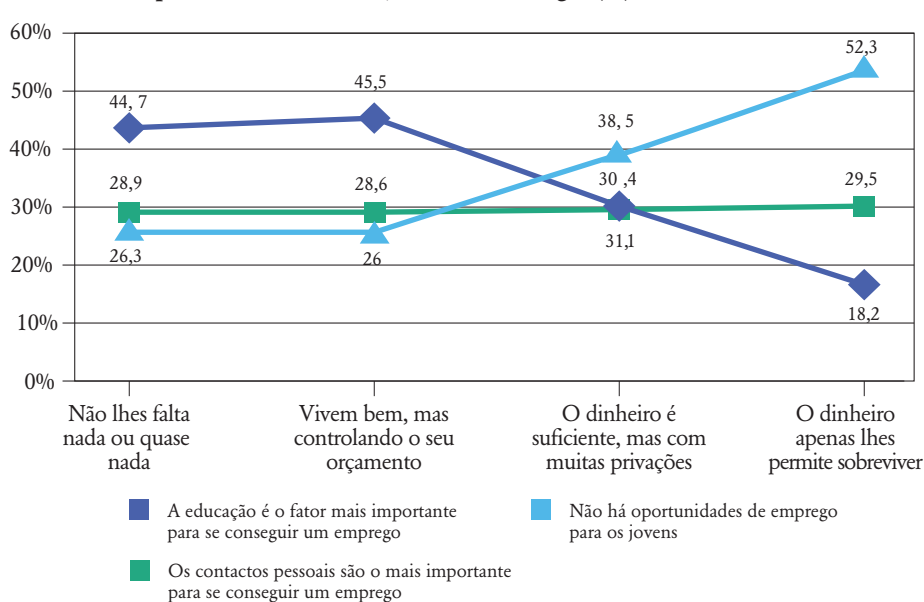
Por último, é também interessante notar como o confronto real com o mercado de trabalho através da procura de emprego tende a modelar a perceção dos jovens portugueses sobre as condicionantes mais importantes no acesso ao

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

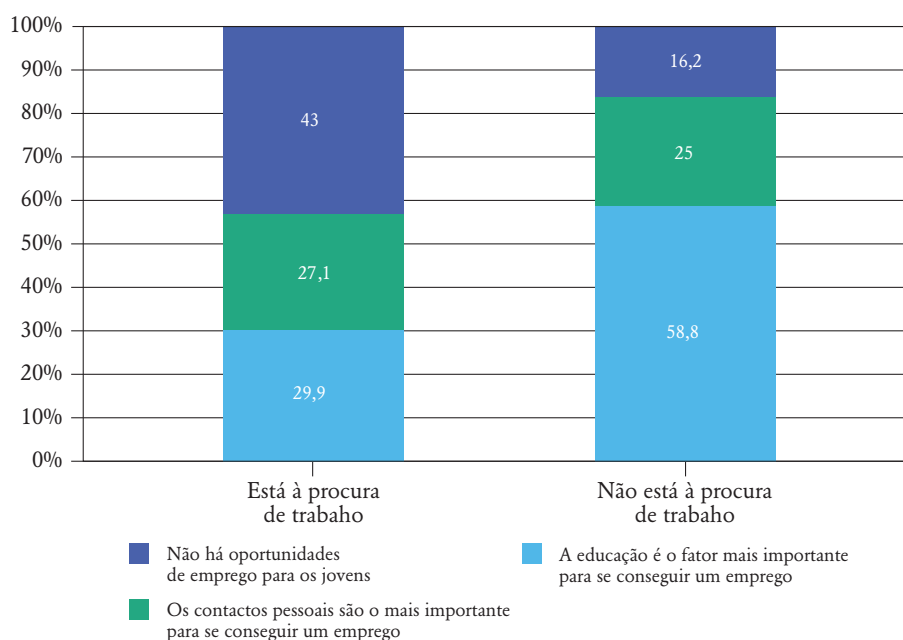
**Figura 6.17 – Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por grupo etário em Portugal (%)**



**Figura 6.18 – Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%)**



**Figura 6.19 – Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por procura de trabalho em Portugal (%)**



emprego (figura 6.19), no sentido de essa busca os consciencializar da ausência de boas oportunidades de emprego para os jovens (43%) face ao valor do peso da educação e do capital social.

## Conclusões

Considerando as fragilidades da amostra portuguesa em termos de representatividade, os jovens portugueses inquiridos apresentam uma larga sobre-representação da população universitária relativamente quer aos restantes países/regiões em análise, quer ao universo da população juvenil recenseado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Este dado poderá ter efeitos ao nível da crença no valor da educação como condicionante na inserção profissional e na avaliação amplamente positiva que fazem da sua educação secundária, variáveis de percepção em que os jovens portugueses se destacam relativamente aos restantes países e regiões analisados.

São também os jovens portugueses que, comparativamente, menor proporção de estudantes apresentam e mais inseridos estão no mercado de trabalho. Esta tendência vai-se acentuando com o avançar na idade, sendo que a passagem da condição de estudante à de trabalhador manifesta ter implicações numa per-

*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América*

ceção crítica sobre a escola, bem como na desvalorização do valor da educação enquanto condicionante mais importante da inserção profissional, a favor dos constrangimentos a nível das oportunidades estruturais disponibilizadas.

Um dado particularmente interessante é o facto de os jovens portugueses trabalhadores serem os mais descrentes relativamente à importância atribuída aos descontos para a segurança social, no sentido de obterem uma reforma/pensão num futuro longínquo, apesar de, comparativamente com os países/regiões analisados, serem os que mais declaram contribuir para esse sistema. Os efeitos da crise económica na desconfiança sobre a (in)sustentabilidade do sistema de segurança social português a médio e longo prazo estarão decerto na origem deste desfazamento entre a atual situação contributiva dos jovens portugueses e a sua real efetividade no futuro.

Os efeitos da atual conjuntura de crise económica são também particularmente notórios a nível da perceção que os jovens portugueses demonstram sobre as condicionantes de inserção laboral. Com efeito, por comparação com os restantes países/regiões em análise, os jovens portugueses são os que mais enumeram a falta de boas oportunidades de emprego para os jovens como constrangimento mais importante na transição para o mercado de trabalho.

Esta perceção é particularmente sentida entre os jovens socioeconomicamente mais vulneráveis. Aliás, a variável que resultou da autoclassificação do nível socioeconómico do jovem e sua família foi das que demonstraram efeitos mais transversais: para além de serem os que maioritariamente tendem a enumerar a falta de oportunidades de emprego juvenil, os jovens que dizem que o seu rendimento apenas lhes permite sobreviver são os que mais tendem a abandonar o ensino, nomeadamente o secundário, são os que mais procuram trabalho (sendo estudantes ou desempregados) e são os que tendem a ter uma perceção mais negativa sobre a escola em geral.

Denota-se, assim, na sociedade portuguesa a permanência estrutural do peso das desigualdades em termos das condições socioeconómicas nas vivências, itinerários e perceções juvenis no âmbito da educação e do trabalho.